

Propostas de proteção para as pessoas idosas frente à epidemia pelo Covid-19

Núcleo de Acompanhamento das Políticas Públicas para as Mulheres - NAPP

A pandemia Covid-19 tem potencial para impactar a todos de diversas maneiras ou até provocar uma devastação nos países da periferia do capitalismo que mantém um padrão de grande desigualdade social. Os pobres e os idosos tornam-se vulneráveis, estão na linha de frente da contaminação.

A população idosa é frágil porque desenvolve a forma grave da doença com risco acentuado de morte. As informações demonstram claramente a incidência fatal nesta população no mundo. No Brasil, eles representam mais de 80% das mortes já ocorridas e quanto mais velho maior é o risco de morte.

A vulnerabilidade física se deve a alterações do sistema imunológico que ocorrem ao longo do processo de envelhecimento, alterações essas, que modificam o reconhecimento do agente externo (vírus) comprometendo a capacidade de defesa do organismo e a possibilidade de produzir anticorpos capazes de matar os vírus que invadiram as células.

Uma outra questão não menos importante, trata-se das doenças crônicas que estão associadas ao envelhecimento. É oportuno lembrar que a pessoa idosa tem pelo menos 1 a 3 doenças crônicas, dentre elas podemos citar: hipertensão arterial, diabetes mellitus, doenças cardiovasculares, doenças osteomusculares, câncer e doenças autoimunes. As doenças autoimunes, o câncer e o diabetes mellitus comprometem ainda mais o seu sistema imunológico.

Não podemos esquecer que o número de idosos no Brasil ultrapassa 30 milhões de pessoas, representando 14% da população, sendo que a maioria é constituída por mulheres que apresentam maior expectativa de vida do que os homens. Mais de 78,3% das mulheres recebe benefício da previdência social, cuja renda média mensal está entre um a dois salários mínimos. O perfil

educacional delas é baixo, apresentam escolaridade incompleta, sendo que 10% são analfabetas, o que contribui para sua menor renda. A maioria vive com a família em domicílios, em média com mais uma ou duas pessoas e em 2016 mais de 17 milhões de famílias tinham a pessoa idosa como provedora, fato que nos leva a crer na possibilidade que este índice tenha duplicado diante da crise econômica. Entre as idosas há uma porcentagem que vive sozinha (14%).

Neste estágio da propagação do vírus, podemos dizer que o momento é de uma tragédia em curso. O país não oferece condições mínimas de enfrentamento à doença, muito menos em relação aos idosos. As previsões anunciam o tamanho do desastre. Os leitos e os equipamentos de ventilação mecânica serão insuficientes, assim como a proteção aos profissionais de saúde e da própria população. O isolamento é uma medida eficaz, no entanto os trabalhadores vivem o dilema entre morrer de fome ou da epidemia. Nas famílias com idosos, os mais jovens em geral, ou às vezes os próprios idosos são obrigados a trabalhar e se expor no dia a dia. O noticiário tem anunciado a disseminação da doença em bairros mais pobres. Os idosos das instituições asilares também correm risco acentuado, caso os profissionais de cuidados que circulam por diversas entidades não estejam adequadamente protegidos e conscientizados das formas de propagação do vírus.

Diversas entidades científicas e grupos de pesquisadores brasileiros e internacionais tem colocado em questão os riscos da epidemia e a necessidade de políticas consistentes para dar suporte à população, reafirmando o compromisso com a vida e a saúde.

Diante do perfil socioeconômico e de saúde dos idosos, em especial das idosas, enfatizamos algumas propostas já enunciadas, como o fortalecimento do SUS, com aporte de recursos para ampliação de leitos de internação e UTI, construção de novos hospitais, contratação de profissionais de saúde e ampliação dos serviços de atenção básica. Oferecer proteção aos profissionais e aos trabalhadores dos serviços essenciais.

No âmbito econômico, para que as pessoas possam permanecer em isolamento, salientamos a importância da distribuição de cestas básicas e um bônus para complementação dos benefícios da previdência social.

Estas propostas são necessárias para manter a vida, em contraposição a este governo que propõe a política da morte.